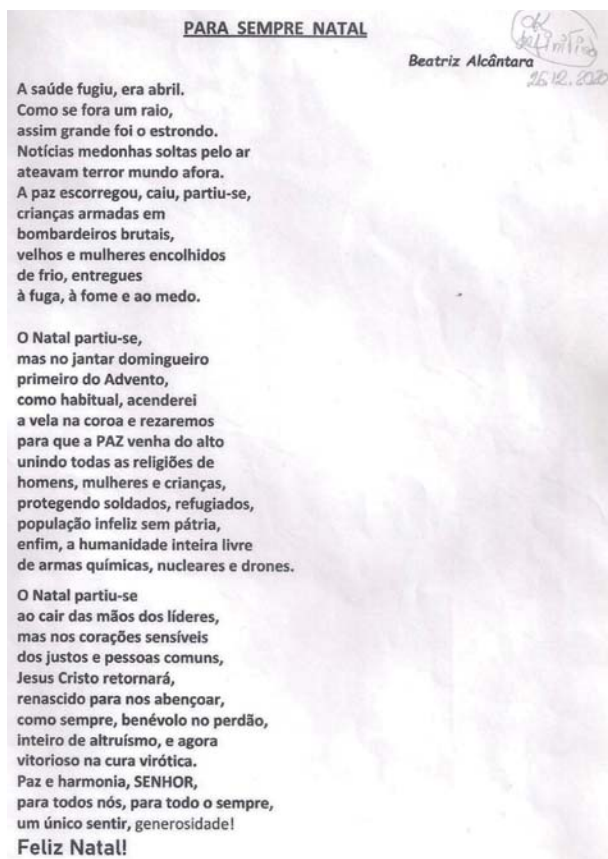


REFLEXÕES SOBRE UM POEMA DE NATAL

Maria Arair Pinto Paiva¹²

Eis o Poema:



PARA SEMPRE NATAL foi elaborado para ser lido em uma reunião natalina, em dezembro de 2020. Não estranhei o fato de Maria Beatriz compor um poema para as comemorações do Natal. Os poetas católicos costumam, em meio às emanções da festa comemorativa do nascimento do Deus-Menino, homenagearem-No com seus versos.

O poeta Barros Pinho, meu cunhado, todo final de ano nos enviava uma linda e significativa mensagem.

Fiquei curiosa em conhecer o teor da poesia, pelo fato de 2020 não ter sido um ano normal para a humanidade, assolada por uma brutal pandemia. Imaginava, antes de sua leitura, como seria o seu conteúdo, inspirado em uma ambiência tão conturbada. Decidi procurar compreender o pensar que a autora desejou transformar em poesia, reunindo palavras de forma a relacionar a atual situação caótica do mundo aos festejos em homenagem à data do nascimento de Jesus.

Embora o campo poético não seja a minha seara de estudo, dediquei muitos anos de minha vida à atividade de pesquisa sociojurídica, colocando em prática orientações metodológicas de natureza interdisciplinar. Filósofos, filólogos e juristas mantêm (ou deveriam manter) uma complexa interrelação.

Guardei minhas indagações e “ideias nativas” para preservá-las e, com o texto da poesia nas mãos, fui tentando reter as primeiras impressões que ele me fazia sentir, pois elas poderiam ser de grande valia quando da análise que pretendia realizar, na tentativa de surpreender sua(s) ideia(s) nuclear(es).

O poema PARA SEMPRE NATAL, acima transcrito, espalha-se por três estrofes, com um total de 35 versos. Antes de me deter na apreciação das estrofes, voltei a atenção mais uma vez para o título, estranhando o uso, pela autora, da palavra SEMPRE. Por quê? Pensei e... *fiat lux!* Ela está ligada umbilicalmente ao tema do poema, porque ele nos passa a mensagem da perenidade do Natal, a festa maior da cristandade, celebrada há mais de 20 séculos! Haja o que houver, os cristãos manifestam a alegria pela vinda de Jesus ao mundo, o Deus feito Homem. Depois de chegar a essa reflexão, passei os olhos novamente pelos versos e concluí que o tempo social

deveria se constituir no elemento estruturante da poesia. A seguir, fomos testando nossa hipótese, e como adiante veremos, o presente, o passado e o futuro alicerçam o pensar da autora, que se mostra hábil na escolha das palavras certas, para processar a interligação entre eles.

Resumindo: no título está, de forma sutil, o reconhecimento da duração do Natal no tempo sócio-histórico. Com muita propriedade, na primeira estrofe, está retratado o PRESENTE; na segunda, há a rememoração do PASSADO; e, na terceira, a perspectiva do FUTURO.

A leitura da primeira estrofe, com 11 versos, logo me fez ver que Maria Beatriz não se apegava à temática usual do Natal, ao desnudar em sua poesia as mazelas que se espalham pelo mundo – dominado por uma cruel pandemia que não dá trégua aos humanos, deixando por toda parte seu rastro de tristeza e morte; e por uma crescente violência que grassa *intra* e *inter* as nações, provocadora de fome e medo, gerando as ondas migratórias que afastam milhares de pessoas de seus lares e de sua terra. Nos versos primeiro e sexto desta estrofe, como podemos ler acima, ela explicita que “A saúde fugiu, era abril” e “A paz escorregou, caiu, partiu-se”, respectivamente. Sem deixar de mencionar no último verso os corolários destas perdas: terror, fuga, fome e medo. Assim, a autora, estendendo seu olhar à realidade que nos cerca e além-fronteiras, leva-nos à conclusão de que o Coronavírus e as guerras povoam nosso tempo PRESENTE.

Mas, apesar de tudo que nos desarvora, temos que celebrar o Natal! Na segunda estrofe, com seus 12 versos, encontramos espelhada a força do PASSADO, através da memória e da tradição, enfrentando a pandemia e a violência. E neles Maria Beatriz nos dá a receita, fruto do seu relembrar: “O Natal partiu-se, mas no jantar domingueiro primeiro do Advento, **como habitual**, acenderei a vela na coroa e **rezaremos** para que a Paz venha do Alto” (grifos nossos).

A tradição é o “elo lançado entre as épocas, esta continuidade viva da transmissão de crenças e de práticas.”.* No período do Advento e, principalmente, na Noite de NATAL, os rituais de SEMPRE vão ser praticados pelas famílias e/ou nos grupos de pertencimento; rituais que, com o passar dos anos, por força da memória seletiva e da tradição reconstruída, apresentam aspectos típicos da sociabilidade contemporânea. Com certeza, a situação presente inviabilizou a prática de muitos dos rituais do passado.

A terceira estrofe se inicia repetindo o triste diagnóstico, expresso no primeiro verso da segunda estrofe: “O Natal partiu-se”. E logo vem o esclarecimento, no segundo verso: “ao cair das mãos dos líderes,”. A palavra **líderes** tem tantos sujeitos ocultos!... A autora deixa que cada um de seus leitores reflita sobre a atual e disseminada crise de liderança. A fratura do Natal, que atinge as comemorações milenares e tradicionais, torna-se mais profunda, ao alcançar, por outro flanco, as festas natalinas do PRESENTE. O poder político assume o proscênio e aqueles que deveriam cuidar da paz, promovem guerras e discórdias; que deviam zelar pela saúde, mergulham no egocentrismo e se preocupam sobremaneira com os assuntos econômicos.

No poema, Maria Beatriz, em face do labirinto em que nos encontramos, procura uma solução para dele escaparmos e, sendo cristã, crê no Menino Deus, cujo Poder extrapola os poderes dos mandantes da terra: “mas nos corações sensíveis / dos justos e pessoas comuns”, que confiam no poder da fé, surge a Esperança no FUTURO. “Jesus Cristo retornará, / renascido para nos abençoar, / como sempre, benévolo no perdão, / inteiro de altruísmo, e agora / vitorioso na cura virótica.”

Como SEMPRE aconteceu no PASSADO, o Filho de Deus feito Homem nos acudirá, salvando-nos dos males provocados pela pandemia, pela violência e pela incompetência e insensibilidade dos

homens poderosos. E, assim, Beatriz nos remete ao encadeamento do PRESENTE, do PASSADO e do FUTURO, reafirmando a concepção temporal de seu poema.

Nos três últimos versos, ela nos abre um FUTURO com saúde e paz, formulando uma mensagem, tipicamente natalina, como uma verdadeira prece:

“Paz e harmonia, SENHOR, / Para todos nós, para todo o sempre, / Um único sentir, *generosidade!*”

Encerrando seu poema, deseja a seus ouvintes e/ou leitores, um “FELIZ NATAL!”

*OST, François – *O tempo do Direito*. Tradução: Élcio Fernandes; revisão técnica Carlos Aurélio Mota de Souza – Bauru, SP: Edusc, 2005. 410 p.